

## COMPETITIVIDADE: O COMBUSTÍVEL DO PROGRESSO E DO DESENVOLVIMENTO GLOBAL

Alexsandro Gonçalves Salgado<sup>1</sup>

Elisangela Cordeiro de Lima<sup>2</sup>

Helena Yumi Suzuki<sup>3</sup>

Manuele Fontes Nogueira<sup>4</sup>

Rita de Cássia Mendes Souza<sup>5</sup>

### RESUMO

Este artigo busca identificar a origem da competitividade, característica humana intimamente ligada ao progresso e ao desenvolvimento. Entender esses fatos históricos, suas origens e seus desdobramentos, trará à luz do conhecimento científico as características da sociedade e do mundo empresarial contemporâneo.

**Palavras-Chave:** Globalização, Competitividade, Empresas.

### 1. INTRODUÇÃO

Os acontecimentos históricos e marcantes da humanidade transformaram o mundo, as pessoas e o futuro em vários aspectos. Uma das forças que sempre impulsionaram e ainda impulsionam o homem nessas transformações é a competitividade, que tem início, primeiramente, com a necessidade de sobrevivência. Isso tudo levou o homem a buscar mais recursos, riqueza e poder. Nesse contexto, novos povos, culturas, descobertas, o aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho, da caça, da pesca e da agricultura, fizeram emergir novas cidades e sociedades ao longo dos tempos.

Não demorou muito para o homem perceber que poderia lucrar com o excedente da sua produção. Encontrar novas terras, tecnologias, acumular riquezas. Conquistar o

---

<sup>1</sup> Aluno de pós-graduação do Curso de Especialização em MBA Executivo Empresarial - FAAT

<sup>2</sup> Aluno de pós-graduação do Curso de Especialização em MBA Executivo Empresarial - FAAT

<sup>3</sup> Aluno de pós-graduação do Curso de Especialização em MBA Executivo Empresarial - FAAT

<sup>4</sup> Aluno de pós-graduação do Curso de Especialização em MBA Executivo Empresarial - FAAT

<sup>5</sup> Aluno de pós-graduação do Curso de Especialização em MBA Executivo Empresarial - FAAT

poder tornou-se uma obsessão, como os acontecimentos históricos da humanidade podem comprovar.

## 2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Há milhares de anos o homem vem ocupando, habitando e organizando o meio em que vive. Acredita-se que por volta do ano 6.000 a.C., durante a *Idade dos Metais*, na região da Mesopotâmia e do Egito, surgiram às cidades, a propriedade privada, a desigualdade social e o Estado.

Nessa mesma época, a descoberta dos metais permitiu a criação de novos instrumentos e ferramentas de trabalho, o que proporcionou o aperfeiçoamento da guerra, da caça e da agricultura. A partir desse momento, o homem passou a produzir mais do que necessitava para o seu próprio consumo.

Neste cenário iniciaram-se às disputas por riqueza e poder, onde os “*vencedores*” enriqueciam ao apropriar-se das terras e dos bens dos “*vencidos*” e estes, por sua vez, ficavam cada vez mais pobres, evidenciando a vulnerabilidade do homem e do grupo ao ajustar as suas necessidades de sobrevivência em função da evolução da espécie. A criação da escrita, da moeda e das leis resultou no “*pensar racional*”. Impérios se constituíram e impuseram seus domínios, suas ascensões e quedas, criaram riqueza e cobiça.

O comportamento do homem na história da humanidade vai se transformando em função das informações recebidas do ambiente, desenvolvendo conhecimento e ajustando-os às suas necessidades. Entre os séculos XVI e XVIII, um volume extraordinário de transformações estabeleceu uma nova percepção de mundo, que ainda pulsa em nossos tempos. Podemos citar como exemplo, o surgimento da igreja protestante sob o protagonismo de Martinho Lutero (1483-1546), Padre alemão inconformado em aceitar a venda de indulgências da Igreja Católica.

Em um curto espaço de quase quatro séculos, os reis europeus assistiram a consumação do seu poder hegemônico, bem como experimentaram as várias revoluções liberais defensoras da divisão do poder político, e da ampliação dos meios de intervenção política. Tronos e parlamentos fizeram uma curiosa ciranda em apenas um “*piscar de olhos*”. Além disso, se hoje tanto se fala em tecnologia e globalização, não podemos refutar a ligação intrínseca entre esses dois fenômenos e a **Idade Moderna**.

Encurtar distâncias, desvendar a natureza, lançar-se em mares nunca antes navegados foram apenas uma ou algumas das poucas ou muitas realizações que definem esse período histórico. De fato, as percepções do tempo e do espaço, antes tão extensas e progressivas, ganharam uma sensação mais intensa e volátil. (PORTAL BRASIL ESCOLA, 2011)

O trecho extraído da música de Gilberto Gil (1991) bem retrata a época:

Antes	mundo	era	pequeno
Porque	Terra	era	grande
Hoje	mundo	é	muito grande
Porque	Terra	é	pequena
Do	tamanho	da	antena
Parabolicamará [...]			
Antes	longe	era	distante
Perto	só	quando	dava
Quando	muito	ali	defronte
E	o	horizonte	acabava
Hoje	lá	trás	dos montes
dendê em casa camará [...]			

Além de contribuir para o acúmulo de capitais na Europa, as *Grandes Navegações*, também foram importantes para a criação de um comércio de natureza intercontinental. Com isso, as ações econômicas tomadas em um lugar passariam a repercutir em outras parcelas do planeta. Eis que se inicia o que chamamos hoje de globalização, que segundo Edgar Morin (2002), é o resultado no momento atual de um processo que se iniciou com a conquista das Américas e a expansão dominadora do ocidente europeu sobre o planeta.

No século XVIII, o espírito investigativo dos cientistas e filósofos iluministas catapultou a busca pelo conhecimento em patamares nunca antes observados. Não por acaso, o desenvolvimento de novas máquinas e instrumentos criaram em território britânico o advento da *Revolução Industrial*. Em pouco tempo a mentalidade econômica de empresários, consumidores, operários e patrões fixaram mudanças no mundo que são sentidas até os dias de hoje.

A *Primeira Revolução Industrial (1760 a 1850)* originou-se de descobertas e melhoramentos empíricos desenvolvidos por mecânicos, muitos deles empresários, com o objetivo de solucionar problemas específicos, além de buscar vantagens competitivas exclusivas. Entretanto, ampliar a competitividade significava elevar a produtividade da energia, do trabalho e do capital de forma a reduzir o custo de produção. Assim sendo, a busca de ganhos gerou sistemas produtivos cada vez mais especializados, maiores e mais onerosos. Cabe salientar que toda essa dinâmica de desenvolvimento se esgotou por volta de 1850, em decorrência da ocupação plena do potencial de consumo do sistema, criando o cenário para a segunda revolução industrial.

Durante a Segunda Revolução Industrial (1850) o processo de industrialização entrou num ritmo acelerado, a partir da difusão do uso do aço, da descoberta de novas fontes energéticas como a eletricidade e o petróleo, junto à modernização do sistema de comunicações. A Revolução Industrial em pouco tempo espalhou-se por todo o continente europeu e pelo resto do mundo, atingindo a Bélgica, a França, a Itália, a Alemanha, a Rússia, os Estados Unidos, o Japão e outras nações.

A *Primeira Guerra Mundial* devastou os países europeus, a retração do consumo e o enfraquecimento da economia européia abalaram a economia mundial, por outro lado, os Estados Unidos lucraram extraordinariamente com a exportação de alimentos e produtos industrializados aos países aliados no período pós-guerra. A prosperidade econômica norte americana entre 1918 e 1928 gerou produção, emprego, consumo, crédito, e originou o que conhecemos hoje como: “*american way of life*” (modo de vida americano). Porém, a economia européia se restabeleceu e a redução do consumo de produtos americanos importados pelos europeus, aliados a superprodução das indústrias americanas originadas dos benefícios tecnológicos e pelo modelo taylorista de gestão são apontados como as principais causas que ocasionaram a Grande Depressão de 1929.

A Grande Depressão ou Crise de 1929 teve seu início ao longo da década de 1930 e, antes da crise financeira ocorrida em 2008, foi a maior de toda a história dos Estados Unidos. Esse período causou altas taxas de desemprego, falências, e quedas drásticas no produto interno bruto de diversos países.

Até o começo do século XX a produtividade impulsionava o desenvolvimento e somente a partir do pós-guerra com a rápida e contínua internacionalização da

economia, com o crescimento do comércio e dos investimentos externos, os países e as empresas desenvolveram novas estratégias competitivas. A competitividade não se restringia apenas a preços de produtos, ela dependia de diversos fatores naturais e de elementos tais como: infraestrutura, sistema educacional eficiente, mão-de-obra qualificada e qualidade dos produtos.

Segundo Porter (1990), há algumas décadas a concorrência era praticamente inexistente em quase todo o mundo. Existia uma grande proteção por parte dos governos às empresas e às formações de grandes cartéis, que colaboravam para a quase inexistência de competitividade. Somente após o final da segunda guerra mundial, o acirramento da competitividade se desenvolveu em virtude do progresso econômico da Alemanha e do Japão.

Quando os Estados Unidos declararam vitória na *Segunda Guerra Mundial*, em 1945, os soldados retornaram ao país e iniciou-se um processo de renovação econômica americana. Havia o fornecimento de mercadorias ao mundo livre para reconstruir suas economias, favorecendo a estabilidade das famílias que começaram a ter filhos.

Em 1946, as taxas de natalidade cresceram bastante, iniciando-se um aumento estável que durou por quase 20 anos. Essa explosão de natalidade instituiu o que passou a ser chamada de Geração *Baby Boomer*. Os indivíduos dessa geração foram os primeiros que cresceram à frente de um aparelho televisor e os que desenvolverem características consumistas.

### **3. GLOBALIZAÇÃO E COMPETITIVIDADE**

A globalização é um processo recente, dinâmico e complexo, impactando setores de negócios de diferentes formas. No bojo dessas mudanças, surgem oportunidades e ameaças que as empresas, tanto locais como multinacionais, necessitam identificar de forma a aproveitá-las ou neutralizá-las.

Os tempos de globalização exigem um desenvolvimento industrial múltiplo, aproveitando as vantagens comparativas que o país possui. Em cada segmento de mercado coexistem necessidades locais e globais influenciando as características das empresas que os atendem com produtos ou serviços.

Segundo BASSI (1999) os segmentos e suas empresas podem ser definidos segundo três tipos de mercados:

- **Mercado Global:** segmentos de mercado com necessidades altamente homogêneas. Ex: Setor Automobilístico, comércio de veículos.
- **Mercado Local:** segmentos de mercado com necessidades altamente diferenciadas. Ex. Distribuição de veículos, logística.
- **Mercado Global/Local:** segmentos de mercado cujas necessidades podem ser homogêneas e diferenciadas ao mesmo tempo. Ex.: Setor Hoteleiro, cadeia de hotéis internacionais, com características locais.

O grande cenário imposto pela globalização é garantir a sobrevivência da empresa, conhecer os fatores macroambientais, suas tendências e responder a todas as variáveis que requerem esforços estratégicos e táticos nunca antes utilizados.

Avaliar os fatores críticos de sucesso, descobrir a vocação da empresa, identificar o mercado, os desejos, as necessidades dos consumidores, posicionar a marca ou os produtos da organização, ser eficiente e garantir o sucesso do empreendimento, são os desafios para vencer a corrida competitiva.

#### 4. A CORRIDA COMPETITIVA

A análise da evolução da competitividade ao longo dos anos, ou seja, até o atual mundo globalizado, leva-nos a perceber uma grande corrida por uma busca de maior competitividade entre as empresas, pessoas, países e sociedades em geral. Embora a competitividade seja de outros tempos, como apontados no início desse artigo, hoje podemos notar que ela é verificada de forma mais exacerbada no ambiente das relações humanas, com forte presença em todos os aspectos de vida organizada em sociedade.

Assim, numa análise da competitividade no âmbito das empresas e dos países nas quais elas estão inseridas, para haver um progresso e um desenvolvimento global, é interessante analisar o trabalho realizado pela organização americana não-governamental, o **World Economic Forum** (WEF) – Fórum Econômico Mundial, que em parceria com instituições de vários países, produz, anualmente, um relatório conhecido como **Global Competitiveness Report** (GCR) – Relatório Global de Competitividade.

Esse relatório tem a intenção de oferecer ferramentas de *benchmarking* para gestores e agentes públicos ao criar dois índices distintos de competitividade. O primeiro deles é o **Global Competitiveness Index** (GCI), que leva em consideração o nível de desenvolvimento dos países e define o ambiente competitivo de uma nação ao incluir em sua análise, as variáveis – econômicas, institucionais, sociais e empresariais. O segundo índice fornecido é o **Business Competitiveness Index** (BCI), sob a responsabilidade do Prof. Michael Porter, que se preocupa com fatores microeconômicos que impactam na produtividade das empresas. Assim, podemos concluir que os indicadores de competitividade gerados pela WEF consideram tanto os fatores macro como os microeconômicos, numa análise mais abrangente e completa das interações sistêmicas, empresariais e estruturais de uma nação.

O relatório produzido se baseia no conceito defendido pela **Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico** (OCDE), ou seja, de que a competitividade das nações está relacionada com a sua própria capacidade interna em dar o apoio às empresas competirem no âmbito nacional e internacional. Assim, ao estimular, por exemplo, o aumento dos níveis de renda e emprego, a nação oferece as devidas condições para que as empresas sejam mais competitivas. Seguindo a mesma linha de raciocínio, o trabalho da WEF se apóia na crença de que um ambiente competitivo favorece adequadas condições macroeconômicas, políticas e sociais e proporciona para as empresas um ambiente microeconômico favorável para o aumento de sua produtividade. Essa produtividade é considerada um fator essencial para a sustentabilidade da prosperidade econômica nos países. Enfim, países mais competitivos, através dos ganhos de produtividade, tendem a gerar maior nível de renda e trabalho, mudanças tais que impactam no progresso geral da sociedade.

Publicado no segundo semestre do ano de 2010, o **Relatório de Competitividade Global** envolveu a análise da competitividade em 139 economias do mundo. Foram analisadas mais de 100 variáveis como as econômicas, sociais, políticas, educacionais e institucionais. O instituto **Gallup Internacional** atuou como consultor do WEF, garantindo a qualidade do processo de revisão metodológica e técnica da pesquisa. No Brasil, a WEF contou com a parceria da **Fundação Dom Cabral** e o **Movimento Brasil Competitivo**. Mais de 140 executivos responderam a questionários

envolvendo cerca de 150 questões sobre o ambiente no qual os seus negócios estão inseridos. Junto a essas opiniões subjetivas dos executivos, tais como qualidades das instituições públicas, independência do poder judiciário e grau de corrupção da economia analisada, foram coletados e confrontados os dados das próprias instituições públicas que forneceram informações oficiais do país.

Assim, dentre as cerca de 100 variáveis analisadas, organizadas em 12 pilares - instituições, infraestrutura, estabilidade macroeconômica, saúde e educação primária, educação superior e treinamento, eficiência do mercado de bens, eficiência do mercado de trabalho, desenvolvimento do mercado financeiro, prontidão tecnológica, tamanho do mercado, sofisticação dos negócios e inovação – apresentaremos, a seguir, a posição do Brasil em comparação aos 139 países avaliados.

<b>INDICADORES - BRASIL</b>	<b>Posição do Brasil dentre 139 países</b>
<b>Índice de Competitividade Global 2010-2011</b>	58
<b>1. INSTITUIÇÕES</b>	<b>93</b>
Direitos de propriedade	72
Proteção da propriedade intelectual	89
Desvio de fundos públicos	121
Confiança nos políticos	127
Pagamentos irregulares e subornos	71
Independência do Judiciário	76
Favoritismo nas decisões de autoridades governamentais	74
Desperdício de gastos do governo	136
Ônus da regulamentação governamental	139
Eficiência do quadro legal em resolução de litígios	83
Eficiência do quadro jurídico em regulamentações desafiadoras	71
Transparência da política governamental	87
Custos empresariais de terrorismo	15
Custos empresariais de crime e violência	123
Crime organizado	125
Confiança nos serviços policiais	74
Comportamento ético das empresas	94
Força dos padrões de auditoria e relatórios	64
Eficácia dos conselhos associados	67
Proteção dos acionistas minoritários	64
Força de proteção dos investidores	59
<b>2. INFRAESTRUTURA</b>	<b>62</b>
Qualidade geral da infraestrutura	84
Qualidade das estradas	105

Qualidade de infraestrutura ferroviária	87
Qualidade de infraestrutura portuária	123
Qualidade de infraestrutura aeroportuária	93
Assento quilômetro oferecido pelas companhias aéreas	9
Qualidade de fornecimento de eletricidade	63
Linhas de telefone fixas	62
Assinaturas de telefone móvel	76
<b>3. AMBIENTE MACROECONÔMICO</b>	<b>111</b>
Equilíbrio orçamentário do governo	50
Taxa de poupança nacional	101
Inflação	93
Spread da taxa de juros	136
Dívida pública	84
Avaliação da confiança/crédito no país	46
<b>4. SAÚDE E EDUCAÇÃO PRIMÁRIA</b>	<b>87</b>
Impacto empresarial da malária	81
Incidência da malária	104
Impacto empresarial da tuberculose	55
Incidência da tuberculose	66
Impacto empresarial do HIV/AIDS	68
Prevalência do HIV	89
Mortalidade Infantil	76
Expectativa de vida	76
Qualidade da educação primária	127
Taxa de matrícula na educação primária	68
<b>5. EDUCAÇÃO SUPERIOR E TREINAMENTO</b>	<b>58</b>
Taxa de escolarização no ensino secundário	22
Taxa de matrícula no ensino superior de educação	65
Qualidade do sistema educacional	103
Qualidade do ensino da matemática e da ciência	126
Qualidade da administração nas escolas	73
Acesso à Internet nas escolas	72
Disponibilidade local de serviços de pesquisa e treinamento	36
Extensão da formação de pessoal (quadro de professores)	53
<b>6. EFICIÊNCIA DO MERCADO DE BENS</b>	<b>114</b>
Intensidade da concorrência local	50
Extensão do domínio de mercado	46
Eficácia antimonopólio da política	39
Extensão e efeitos da tributação	139
Total da taxa de imposto	127
Número de procedimentos necessários para iniciar um negócio	132
Tempo necessário para iniciar um negócio	135
Custos da política agrícola	25
Predomínio de barreiras comerciais	119
Tarifas comerciais	114

Predomínio de propriedade estrangeira	76
Impacto empresarial das regras relativas ao IED (Investimento Estrangeiro Direto)	81
Carga de procedimentos alfandegários	122
Grau de orientação ao cliente	50
Sofisticação do comprador	52
<b>7. EFICIÊNCIA DO MERCADO DE TRABALHO</b>	<b>96</b>
Cooperação na relação trabalho-empregador	90
Flexibilidade na fixação de salários	116
Rigidez do emprego	114
Práticas na contratação e demissão	131
Custos com redundância (excessos)	80
Pagamento e produtividade	85
Confiança na administração profissional	52
Fuga de talentos	39
Participação feminina na força de trabalho	80
<b>8. DESENVOLVIMENTO DO MERCADO FINANCEIRO</b>	<b>50</b>
Disponibilidade de serviços financeiros	27
Acessibilidade dos serviços financeiros	52
Financiamento através do mercado de capitais local	45
Facilidade de acesso a empréstimos	65
Disponibilidade de capital de risco	60
Restrição sobre os fluxos de capital	73
Saúde/solidez dos bancos	14
Regulamento da bolsa de valores	5
Índice legal de direitos	103
<b>9. PRONTIDÃO TECNOLÓGICA</b>	<b>54</b>
Disponibilidade das mais recentes tecnologias	50
Nível de absorção da tecnologia pelas empresas	46
Investimento estrangeiro direto e transferência de tecnologia	23
Usuários de Internet	57
Assinaturas da Internet Banda Larga	58
Largura banda Internet	56
<b>10. TAMANHO DO MERCADO</b>	<b>10</b>
Índice de tamanho do mercado interno	8
Índice de tamanho do mercado externo	24
<b>11. SOFISTICAÇÃO EMPRESARIAL</b>	<b>31</b>
Quantidade de fornecedores locais	9
Qualidade dos fornecedores locais	29
Estado de desenvolvimento de cluster (aglomeração de empresas)	23
Natureza da vantagem competitiva	89
Amplitude da cadeia de valor	60
Controle de distribuição internacional	27
Sofisticação do processo de produção	29
Extensão do marketing	22

Disponibilidade para delegar autoridade	43
<b>12. INOVAÇÃO</b>	<b>42</b>
Capacidade para inovação	29
Qualidade das instituições de pesquisa científica	42
Gastos das companhias com P&D	29
Colaboração da Universidade e Indústria em P&D	34
Aquisição do governo de produtos avançados de tecnologia	50
Disponibilidade de cientistas e engenheiros	68
Patentes por milhão de habitantes	61

Fonte: The Global Competitiveness Report 2010-2011. WEF. Tradução e elaboração própria.

O relatório também nos permite verificar aqueles fatores vistos pelos executivos como os mais problemáticos para fazerem negócios em suas economias. Assim, no quadro abaixo, podemos verificar, numa escala de 0 a 30, como os executivos brasileiros avaliaram a questão com as suas experiências empresariais:

<b>Os mais problemáticos fatores para fazer negócios no Brasil</b>	<b>Pontuação Escala de 0 a 30</b>
Regulamentação fiscal	19,3
Carga tributária	17,7
Inadequado fornecimento de infraestrutura	13,8
Regulamentação trabalhista restritiva	12,9
Ineficiente burocracia do governo	11,3
Corrupção	6,9
Acesso ao financiamento	5,6
Mão de obra qualificada inadequada	5,1
Crime e furto	2,2
Regulamentação moeda estrangeira	1,7
Instabilidade política	1,7
Saúde pública precária	0,8
Inflação	0,5
Falta de ética na força de trabalho do país	0,5
Instabilidade do governo	0,2

Fonte: The Global Competitiveness Report 2010-2011. WEF. Tradução e elaboração própria.

A intenção desse artigo não é a de analisar detalhadamente os diversos índices de competitividade acima expostos e sim a de fornecer dados e informações para as empresas que desejam se inserir no competitivo mercado global. Os indicadores acima sobre o Brasil e as informações completas contidas no Relatório Global de Competitividade possibilitam fornecer uma quantidade infinita de análise

mercadológica, facilitando qualquer tomada de decisões dentro do ambiente de uma organização empresarial. Analisar os indicadores de sucesso como os da **Suíça - país mais competitivo do mundo** – seguido de Suécia, Cingapura e EUA, seriam um bom começo. Outra opção seria analisar os dados da China, que está em 27º lugar na competitividade global, liderando o grupo de economias em desenvolvimento.

## 5. CONCLUSÃO

É inegável a constatação de que a competitividade traz progresso e promove o desenvolvimento global. A busca incessante pela sobrevivência fomentou a ciência e hoje um de seus ramos, a medicina, é capaz de realizações incríveis aumentando a expectativa de vida dos indivíduos. As grandes navegações, as revoluções industriais trouxeram novas tecnologias de transportes, de produção, de comunicação que transformaram profundamente a vida do homem.

A busca pelo poder e enriquecimento transformou o homem contemporâneo em um indivíduo altamente competitivo e individualista. No mundo empresarial não existem mais fronteiras, o que é global? O que é local? Resposta difícil de obter em um mundo onde as empresas são chamadas de transnacionais.

Segundo Edgar Morin (2002, p.46)

“Esta dificuldade de entender o mundo é uma coisa muito angustiante porque quanto mais estamos nessa possessão do mundo sobre nós, menos somos capazes de entendê-lo e de atuar. Ademais, devemos dizer que o mundo se encontra cada vez mais uno e cada vez mais particularizado, digamos cortado em pedaços. Uno no sentido de que cada parte do mundo faz parte cada vez mais do mundo em sua globalidade. E que o mundo em sua globalidade encontra-se dentro de cada parte.”

Assim, em nosso mundo atual, o que sabemos é que temos um mundo à parte que clama por ajuda. E então, faz-se necessário erradicar a fome, a pobreza, as desigualdades, a degradação do meio-ambiente, o trabalho escravo e infantil. Eis alguns dos grandes desafios impostos ao homem competitivo do século XXI.

## 3. REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, A. I. **O mito da competitividade**. Revista espaço acadêmico. Ano II. nº 23. abr. 2003. Disponível em : <<http://www.espacoacademico.com.br/023/23and.htm>> Acesso em: 20 maio de 2011.

ARRUDA, Carlos et al. **O Brasil no global competitiveness report 2010-2011**. Fundação Dom Cabral, 2011, 17 p. Disponível em: <[http://www.fdc.org.br/pt/pesquisa/competitividade/Documents/o\\_brasil\\_no\\_global\\_competitiveness\\_report2010\\_2011.pdf](http://www.fdc.org.br/pt/pesquisa/competitividade/Documents/o_brasil_no_global_competitiveness_report2010_2011.pdf)> Acesso em: 27 maio de 2011.

BASSI, Eduardo. **Empresas Locais e Globalização: Guia de Oportunidades Estratégicas para o Dirigente Nacional**. 1.ed. São Paulo: Cultura, 2000. p. 86-98.

KLAUS, Schwab. **The global competitiveness report 2010–2011**, published by the World economic forum. Printed and bound in Switzerland by SRO-Kundig. 516 p. Disponível em: <[http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_GlobalCompetitivenessReport\\_2010-11.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_GlobalCompetitivenessReport_2010-11.pdf)> Acesso em: 26 maio de 2011.

GIL, GILBERTO. Canção: **Parabolicamará**. 1991

MORIN, Edgar. **As duas globalizações: Complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PORTAL Brasil Escola. **História do mundo**. Disponível em: <[www.historiadomundo.com.br](http://www.historiadomundo.com.br)> Acesso em: 28 maio de 2011.

PORTER, Michael E. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

RATTNER, Henrique. **Globalização: em direção a um mundo só?**. Dez 1995, vol.9, no.25, p.65-76. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n25/v9n25a05.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2011.

SANTOS, Antonio Alves dos. **A valorização da geração; “Baby Boomers”**. Set 2009. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/a-valorizacao-da-geracao-baby-boomers/33360/>> Acesso em 29 de maio de 2011.

SATO, Eiiti. **A agenda internacional depois da Guerra Fria: novos temas e novas percepções**. Rev. bras. polít. int., Jun 2000, vol.43, no.1. p.138-169. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003473292000000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003473292000000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 de maio de 2011.